



PAULO COELHO



O  
ALQUIMISTA

EDIÇÃO ESPECIAL



SEXTANTE



Para J.,  
Alquimista que conhece e utiliza  
os segredos da Grande Obra.

Ó Maria, concebida sem pecado,  
rogai por nós, que recorremos a Vós. Amém.

*Indo eles pelo caminho, entraram em um certo povoado. E certa mulher, chamada Marta, hospedou Jesus em sua casa.*

*Tinha ela uma irmã, chamada Maria, que se sentou aos pés do Senhor e ficou ouvindo seus ensinamentos.*

*Marta agitava-se de um lado para outro, ocupada em muitos serviços. Então aproximou-se de Jesus e disse:*

*– Senhor! Não te importas de que eu fique a servir sozinha? Ordena a minha irmã que venha ajudar-me!*

*Respondeu-lhe o Senhor:*

*– Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Maria, entretanto, escolheu a melhor parte, e esta não lhe será tirada.*

Lucas 10:38-42

## *Antes de começar*

É importante dizer alguma coisa sobre o fato de *O Alquimista* ser um livro simbólico, diferente de *O diário de um mago*, que foi um trabalho de não ficção.

Durante onze anos de minha vida estudei Alquimia. A simples ideia de transformar metais em ouro ou de descobrir o Elixir da Longa Vida já era fascinante demais para passar despercebida a qualquer iniciante em Magia. Confesso que o Elixir da Longa Vida me seduzia mais: antes de entender e sentir a presença de Deus, a ideia de que tudo ia acabar um dia era desesperadora. De maneira que, ao saber da possibilidade de obter um líquido capaz de prolongar por muitos anos minha existência, resolvi dedicar-me de corpo e alma à sua fabricação.

Era uma época de grandes transformações sociais – o começo dos anos 70 – e não havia ainda publicações sérias a respeito de Alquimia. Comecei, como um dos personagens do livro, a gastar o pouco dinheiro que tinha na compra de livros importados e passava horas estudando sua simbologia complicada. Procurei duas ou três pessoas no Rio de Janeiro que se dedicavam seriamente à Grande Obra, e elas se recusaram a me receber. Conheci também muitas outras que se diziam alquimistas, possuíam seus laboratórios e prometiam me ensinar os segredos da Arte em troca de verdadeiras fortunas. Hoje entendo que elas nada sabiam daquilo que pretendiam ensinar.

Mesmo com toda a minha dedicação, os resultados eram absolutamente nulos. Não acontecia nada do que os manuais de

Alquimia afirmavam em sua complicada linguagem. Era um sem-fim de símbolos, de dragões, leões, sóis, luas e mercúrios, e eu sempre tinha a impressão de estar no caminho errado, porque a linguagem simbólica permite uma gigantesca margem de equívocos. Em 1973, já desesperado com a ausência de progresso, cometi uma suprema irresponsabilidade. Nessa época eu fora contratado pela Secretaria de Educação de Mato Grosso para dar aulas de teatro naquele estado e resolvera utilizar meus alunos em laboratórios teatrais que tinham como tema a Tábua da Esmeralda. Essa atitude, aliada a algumas incursões minhas nas áreas pantanosas da Magia, fez com que no ano seguinte eu experimentasse na própria carne a verdade do provérbio: “Aqui se faz, aqui se paga.” Tudo a minha volta ruiu por completo.

Passei os seis anos seguintes de minha vida numa atitude bastante cética com relação a tudo o que dissesse respeito à área mística. Nesse exílio espiritual, aprendi muitas coisas importantes: que só aceitamos uma verdade quando primeiro a negamos do fundo da alma, que não devemos fugir de nosso próprio destino e que a mão de Deus é infinitamente generosa, apesar de Seu rigor.

Em 1981, conheci RAM e o meu Mestre, que iria conduzir-me de volta ao caminho que está traçado para mim. E enquanto ele me treinava em seus ensinamentos, voltei a estudar Alquimia por minha própria conta. Certa noite, enquanto conversávamos depois de uma exaustiva sessão de telepatia, perguntei por que a linguagem dos alquimistas era tão vaga e tão complicada.

– Existem três tipos de alquimistas – disse meu Mestre. – Aqueles que são vagos porque não sabem o que estão falando; aqueles que são vagos porque sabem o que estão falando, mas sabem também que a linguagem da Alquimia é uma linguagem dirigida ao coração, e não à razão.

– E qual o terceiro tipo? – perguntei.

– Aqueles que jamais ouviram falar em Alquimia, mas que conseguiram, através de suas vidas, descobrir a Pedra Filosofal.

E, com isso, meu Mestre – que pertencia ao segundo tipo – resolveu me dar aulas de Alquimia. Descobri que a linguagem simbólica, que tanto me irritava e me desnor-teava, era a única maneira de se atingir a Alma do Mundo, ou o que Jung chamou de “inconsciente coletivo”. Descobri a Lenda Pessoal e os Sinais de Deus, verdades que meu raciocínio intelectual se recusava a aceitar por causa de sua simplicidade. Descobri que atingir a Grande Obra não é tarefa de poucos, mas de todos os seres humanos sobre a face da Terra. É claro que nem sempre a Grande Obra vem sob a forma de um ovo e de um frasco com líquido, mas todos nós podemos – sem sombra de dúvida – mergulhar na Alma do Mundo.

Por isso, *O Alquimista* é também um texto simbólico. No decorrer de suas páginas, além de transmitir tudo o que aprendi a respeito, procuro homenagear grandes escritores que conseguiram atingir a Linguagem Universal: Hemingway, Blake, Borges (que também utilizou a história persa para um de seus contos), Malba Tahan, entre outros.

Para completar este extenso prefácio e ilustrar o que meu Mestre queria dizer com o terceiro tipo de alquimistas, vale a pena recordar uma história que ele mesmo me contou no seu laboratório.

Nossa Senhora, com o Menino Jesus nos braços, resolveu descer à Terra e visitar um mosteiro. Orgulhosos, todos os padres fizeram uma grande fila e cada um chegava diante da Virgem para prestar-lhe homenagem. Um declamou belos poemas, outro mostrou suas iluminuras para a Bíblia, um terceiro disse o nome de todos os santos. E assim, um após outro, os monges homenagearam Nossa Senhora e o Menino Jesus.

No último lugar da fila havia um padre, o mais humilde do convento, que nunca tinha aprendido os sábios textos da época. Seus pais eram pessoas simples, que trabalhavam num velho circo das redondezas, e tudo o que lhe haviam ensinado era atirar bolas para cima e fazer alguns malabarismos.

Quando chegou sua vez, os outros padres quiseram encerrar as homenagens, porque o antigo malabarista não tinha nada de importante a dizer e podia desmoralizar a imagem do convento. Entretanto, no fundo do seu coração, também ele sentia uma imensa necessidade de dar alguma coisa de si para Jesus e a Virgem.

Envergonhado, sentindo o olhar reprovador dos irmãos, ele tirou algumas laranjas do bolso e começou a jogá-las para cima, em números de malabarismo, que era a única coisa que sabia fazer.

Foi só nesse instante que o Menino Jesus sorriu e começou a bater palmas no colo de Nossa Senhora. E foi para ele que a Virgem estendeu os braços, deixando que segurasse um pouco o menino.



O Alquimista pegou um livro que alguém na caravana havia trazido. O volume estava sem capa, mas conseguiu identificar seu autor: Oscar Wilde. Enquanto folheava suas páginas, encontrou uma história sobre Narciso.

O Alquimista conhecia a lenda de Narciso, um belo rapaz que todos os dias ia contemplar sua própria beleza num lago. Era tão fascinado por si mesmo que certo dia caiu dentro d'água e morreu afogado. No lugar onde caiu, nasceu uma flor, que chamaram de narciso.

Mas não era assim que Oscar Wilde acabava a história.

O autor dizia que, quando Narciso morreu, vieram as Oréiades – deusas do bosque – e viram o lago transformado, de um enorme espelho de água doce em um cântaro de lágrimas salgadas.

– Por que você chora? – perguntaram as Oréiades.

– Choro por Narciso – disse o lago.

– Ah, não nos espanta que você chore por Narciso – continuaram elas. – Afinal de contas, apesar de todas nós sempre correremos atrás dele pelo bosque, você era o único que tinha a oportunidade de contemplar de perto sua beleza.

– Mas Narciso era belo? – perguntou o lago.

– Quem mais do que você poderia saber disso? – responderam, surpresas, as Oréiades. – Afinal de contas, era em suas margens que ele se debruçava todos os dias.

O lago ficou algum tempo quieto. Por fim, disse:

– Eu choro por Narciso, mas jamais havia percebido que ele era belo.

“Choro por Narciso porque todas as vezes que ele se debruçava sobre minhas margens eu podia ver, no fundo dos seus olhos, minha própria beleza refletida.”

“Que bela história”, disse o Alquimista.

PAULO COELHO

# PRIMEIRA PARTE

O rapaz chamava-se Santiago. Estava começando a escurecer quando chegou com seu rebanho diante de uma velha igreja abandonada. O teto tinha despencado há muito tempo e um enorme sicômoro havia crescido no local que antes abrigava a sacristia.

Resolveu passar a noite ali. Fez com que todas as ovelhas entrassem pela porta em ruínas e então colocou algumas tábuas de modo que elas não pudessem fugir durante a noite. Não havia lobos naquela região, mas certa vez um animal tinha escapado durante a noite e ele gastara todo o dia seguinte procurando a ovelha desgarrada.

Forrou o chão com seu casaco e deitou-se, usando como travesseiro o livro que acabara de ler. Lembrou-se, antes de dormir, que precisava começar a ler livros mais grossos: demoravam mais para acabar e eram travesseiros mais confortáveis durante a noite.

Ainda estava escuro quando acordou. Olhou para cima e viu que as estrelas brilhavam através do teto semidestruído.

“Queria dormir um pouco mais”, pensou ele. Tivera o mesmo sonho da semana passada, e outra vez acordara antes do desfecho.

Levantou-se e tomou um gole de vinho. Depois pegou o cajado e começou a acordar as ovelhas que ainda dormiam. Ele havia reparado que, assim que acordava, a maior parte dos animais também começava a despertar. Como se houvesse alguma energia misteriosa unindo sua vida à vida daquelas ovelhas que há dois anos percorriam com ele a terra, em busca de água e alimento. “Elas já se acostumaram tanto a mim que conhecem meus horá-

rios”, disse em voz baixa. Refletiu um momento e ponderou que podia ser também o contrário: talvez ele houvesse se acostumado ao horário das ovelhas.

Certas ovelhas, porém, demoravam um pouco mais para levantar. O rapaz acordou uma a uma com seu cajado, chamando cada qual pelo nome. Sempre acreditara que as ovelhas eram capazes de entender o que ele dizia. Por isso costumava às vezes ler para elas trechos de livros que o haviam impressionado, ou falar da solidão e da alegria de um pastor no campo, ou comentar sobre as últimas novidades que via nas cidades por onde costumava passar.

Nos últimos dois dias, contudo, seu assunto tinha sido praticamente um só: a menina, filha do comerciante, que morava na cidade aonde ia chegar em quatro dias. Estivera apenas uma vez lá, no ano anterior. O comerciante era dono de uma loja de tecidos e gostava sempre de ver as ovelhas tosquiadas na sua frente, para evitar falsificações. Um certo amigo havia indicado a loja e o pastor levou lá suas ovelhas.

“Preciso vender alguma lã”, disse para o comerciante.

A loja estava cheia, e o homem pediu que o pastor esperasse até o entardecer. Ele sentou-se na calçada e tirou um livro do alforje.

– Não sabia que os pastores eram capazes de ler livros – disse uma voz feminina ao seu lado.

Era uma moça típica da região da Andaluzia, com cabelos negros escorridos e olhos que lembravam vagamente os antigos conquistadores mouros.

– É porque as ovelhas ensinam mais que os livros – respondeu o rapaz. Ficaram conversando por mais de duas horas. Ela contou que era filha do comerciante e falou da vida na aldeia, onde cada dia era igual ao outro. O pastor contou dos campos da Andaluzia, das últimas novidades que viu nas cidades por onde passara. Estava contente por não precisar conversar sempre com as ovelhas.

– Como aprendeu a ler? – perguntou a moça a certa altura.

– Como todas as outras pessoas – respondeu o rapaz. – Na escola.

– E, se sabe ler, então por que é apenas um pastor?

O rapaz deu uma desculpa qualquer para não responder àquela pergunta. Ele tinha certeza de que a moça jamais entenderia. Continuou a contar suas histórias de viagem, e os pequenos olhos mouros abriam-se e fechavam-se de espanto e surpresa. À medida que o tempo foi passando, o rapaz começou a desejar que aquele dia não acabasse nunca, que o pai da moça ficasse ocupado por muito tempo e o mandasse esperar por três dias. Percebeu que

estava sentindo uma coisa que nunca havia sentido antes: vontade de ficar morando numa mesma cidade para sempre. Com a menina de cabelos negros, os dias nunca seriam iguais.

Mas o comerciante finalmente chegou e mandou que ele tosquiasse quatro ovelhas. Depois, pagou-lhe o que era devido e pediu que voltasse no ano seguinte.

Agora faltavam apenas quatro dias para chegar de novo àquela aldeia. Estava excitado e ao mesmo tempo inseguro: talvez a menina já o tivesse esquecido. Por ali passavam muitos pastores para vender lã.

– Não tem importância – disse o rapaz a suas ovelhas. – Eu também conheço outras meninas em outras cidades.

Mas, no fundo do seu coração, ele sabia que tinha importância. E que tanto os pastores como os marinheiros, ou os caixeiros-viajantes, sempre conheciam uma cidade onde havia alguém capaz de fazer com que esquecessem a alegria de viajar solto pelo mundo.



O dia raiava e o pastor tratou de guiar as ovelhas na direção do sol. “Elas nunca precisam tomar uma decisão”, pensou ele. “Talvez por isso fiquem sempre junto de mim.” A única necessidade que as ovelhas tinham era de água e comida. Enquanto o rapaz conhecesse os melhores pastos da Andaluzia, elas seriam sempre suas amigas. Mesmo que os dias fossem todos iguais, com longas horas se arrastando entre o nascer e o pôr do sol; mesmo que elas jamais tivessem lido um só livro em suas curtas vidas e não conhecessem a língua dos homens que contavam as novidades nas aldeias. Elas estavam contentes com água e comida, e isto bastava. Em troca, ofereciam generosamente sua lã, sua companhia e – de vez em quando – sua carne.

“Se hoje eu me tornasse um monstro e resolvesse matar uma por uma, elas só iam perceber depois que quase todo o rebanho tivesse sido exterminado”, pensou o rapaz. “Porque confiam em mim, e se esqueceram de confiar nos seus próprios instintos. Só porque as conduzo ao alimento e à água.”

O rapaz começou a estranhar seus próprios pensamentos. Talvez a igreja, com aquele sicômoro crescendo dentro, fosse mal-assombrada. Tinha feito com que sonhasse um mesmo sonho pela segunda vez, e estava lhe dando uma sensação de raiva contra suas companheiras, sempre tão fiéis. Bebeu um pouco de vinho que havia sobrado do jantar na noite anterior, e apertou o casaco contra o corpo. Ele sabia que em poucas horas, com o sol a pino, o calor seria tão forte que não ia poder conduzir as

ovelhas pelo campo. Era a hora que toda a Espanha dormia no verão. O calor durava até a noite, e durante todo esse tempo ele tinha que ficar carregando o casaco. Entretanto, quando pensava em reclamar do peso, sempre lembrava que por causa dele não havia sentido frio de manhã.

“Temos que estar sempre preparados para as surpresas do tempo”, pensava então ele, e sentia-se grato pelo peso do casaco.

O casaco tinha um motivo, e o rapaz também. Em dois anos pelas planícies da Andaluzia ele já sabia de cor todas as cidades da região, e esta era a grande razão de sua vida: viajar. Estava planejando explicar desta vez à menina por que um simples pastor sabe ler: havia estado até os dezesseis anos num seminário. Seus pais queriam que ele fosse padre – motivo de orgulho para uma simples família camponesa que trabalhava apenas em troca de água e comida, como suas ovelhas. Estudou latim, espanhol e teologia. Mas desde criança sonhava em conhecer o mundo, e isto era muito mais importante do que conhecer Deus ou os pecados dos homens. Certa tarde, ao visitar a família, havia tomado coragem e dito a seu pai que não queria ser padre. Queria viajar.

– **H**omens de todo o mundo já passaram por esta aldeia, filho – disse o pai. – Vêm em busca de coisas novas, mas continuam as mesmas pessoas. Vão até o morro conhecer o castelo e acham que o passado era melhor que o presente. Têm cabelos louros ou pele escura, mas são iguais aos homens de nossa aldeia.

– Mas não conheço os castelos das terras de onde eles vêm – retrucou o rapaz.

– Esses homens, quando conhecem nossos campos e nossas mulheres, dizem que gostariam de viver para sempre aqui – continuou o pai.

– Quero conhecer as mulheres e as terras de onde eles vieram – disse o rapaz. – Porque eles nunca ficam por aqui.

– Os homens trazem a bolsa cheia de dinheiro – disse mais uma vez o pai. – Entre nós, só os pastores viajam.

– Então serei pastor.

O pai não disse mais nada. No dia seguinte deu-lhe uma bolsa com três antigas moedas de ouro espanholas.

– Achei certo dia no campo. Iam ser da Igreja, como seu dote. Compre seu rebanho e corra o mundo até aprender que nosso castelo é o mais importante e nossas mulheres são as mais belas.

E o abençoou. Nos olhos do pai ele leu também a vontade de correr o mundo. Uma vontade que ainda vivia, apesar das dezenas de anos em que ele a tentou sepultar com água, comida e o mesmo lugar para dormir toda noite.

O horizonte se tingiu de vermelho e depois apareceu o sol. O rapaz lembrou-se da conversa com o pai e sentiu-se alegre; já conhecera muitos castelos e muitas mulheres (mas nenhuma igual àquela que o esperava em dois dias). Tinha um casaco, um livro que podia trocar por outro e um rebanho de ovelhas. O mais importante, entretanto, é que todo dia realizava o grande sonho de sua vida: viajar. Quando cansasse dos campos da Andaluzia, podia vender suas ovelhas e tornar-se marinheiro. Quando cansasse do mar, teria conhecido muitas cidades, muitas mulheres, muitas oportunidades de ser feliz.

“Não sei como buscam Deus no seminário”, pensou, enquanto olhava o sol nascente. Sempre que possível, buscava um caminho diferente para andar. Nunca havia estado naquela igreja antes, apesar de haver passado tantas vezes por ali. O mundo era grande e inesgotável, e se ele deixasse que as ovelhas o guiassem apenas um pouquinho, ia terminar descobrindo mais coisas interessantes. “O problema é que elas não se dão conta de que estão fazendo caminhos novos a cada dia. Não percebem que os pastos mudaram, que as estações são diferentes – porque estão apenas ocupadas com água e comida.”

“Talvez seja assim com todos nós”, pensou o pastor. “Mesmo comigo, que não penso em outras mulheres desde que conheci a filha do comerciante.” Olhou o céu, e pelos seus cálculos estaria antes do almoço em Tarifa. Lá poderia trocar seu livro por um volume mais grosso, encher a garrafa de vinho e fazer a barba e

o cabelo; tinha que estar pronto para encontrar a menina, e não queria pensar na possibilidade de outro pastor ter chegado antes dele, com mais ovelhas, para pedir sua mão.

“É justamente a possibilidade de realizar um sonho que torna a vida interessante”, refletiu enquanto olhava de novo para o céu e apressava o passo. Tinha acabado de se lembrar que em Tarifa morava uma velha capaz de interpretar sonhos. E ele tinha tido um sonho repetido aquela noite.

A velha conduziu o rapaz até um quarto no fundo da casa, separado da sala por uma cortina feita de tiras de plástico colorido. Lá dentro havia uma mesa, uma imagem do Sagrado Coração de Jesus e duas cadeiras.

A velha sentou-se e pediu que ele fizesse o mesmo. Depois segurou as duas mãos dele e rezou baixo.

Parecia uma reza cigana. O jovem pastor já havia encontrado muitos ciganos pelo caminho; eles viajavam e entretanto não cuidavam de ovelhas. As pessoas diziam que a vida de um cigano era sempre enganar os outros. Diziam também que eles tinham pacto com demônios e que raptavam crianças para servirem de escravas em seus misteriosos acampamentos. Quando era pequeno, o rapaz morria de medo de ser raptado pelos ciganos, e esse temor antigo voltou enquanto a velha segurava suas mãos.

“Mas existe a imagem do Sagrado Coração de Jesus”, pensou ele, procurando ficar mais calmo. Não queria que sua mão começasse a tremer e a velha percebesse seu medo. Rezou um pai-nosso em silêncio.

– Que interessante – disse a velha, sem tirar os olhos da mão do rapaz. E voltou a ficar quieta.

O rapaz estava ficando nervoso. Suas mãos começaram a tremer, e a velha percebeu. Ele puxou as mãos rapidamente.

– Não vim aqui para ler as mãos – disse, já arrependido de ter entrado naquela casa. Pensou por um momento que era melhor

pagar a consulta e ir-se embora sem saber de nada. Estava dando importância demais a um sonho repetido.

– Você veio saber de sonhos – respondeu a velha. – E os sonhos são a linguagem de Deus. Quando ele fala a linguagem do mundo, eu posso interpretar. Mas se ele falar a linguagem de sua alma, só você pode entender. E vou cobrar a consulta de qualquer maneira.

Mais um truque, pensou o rapaz. Entretanto, resolveu arriscar. Um pastor corre sempre o risco dos lobos ou da seca, e isto é que torna o ofício de pastor mais excitante.

– Tive o mesmo sonho duas vezes seguidas – disse. – Sonhei que estava num pasto com minhas ovelhas quando aparecia uma criança e começava a brincar com os animais. Não gosto que mexam nas minhas ovelhas, elas ficam com medo de estranhos. Mas as crianças sempre conseguem mexer com os animais sem que eles se assustem. Não sei por quê. Não sei como os animais sabem a idade dos seres humanos.

– Volte para seu sonho – disse a velha. – Tenho uma panela no fogo. Além disso, você tem pouco dinheiro e não pode tomar todo o meu tempo.

– A criança continuava a brincar com as ovelhas por algum tempo – prosseguiu o rapaz, um pouco constrangido. – E, de repente, me pegava pelas mãos e me levava até as Pirâmides do Egito.

O rapaz esperou um pouco para ver se a velha sabia o que eram as Pirâmides do Egito. Mas ela continuou quieta.

– Então, nas Pirâmides do Egito – ele falou as três últimas palavras lentamente, para que a velha pudesse entender bem –, a criança me dizia: “Se você vier até aqui, vai encontrar um tesouro escondido.” E quando ela foi me mostrar o local exato, eu acordei. Nas duas vezes.

A velha permaneceu em silêncio por algum tempo. Depois tornou a pegar as mãos do rapaz e estudá-las atentamente.

– Não vou lhe cobrar nada agora – disse a velha. – Mas quero um décimo do tesouro, se você encontrá-lo.

O rapaz riu. De felicidade. Então iria economizar o pouco dinheiro que tinha, por causa de um sonho que falava em tesouros escondidos! A velha devia ser mesmo uma cigana – os ciganos são burros.

– Então interprete o sonho – pediu o rapaz.

– Antes jure. Jure que você vai me dar a décima parte do seu tesouro em troca do que eu lhe disser.

O rapaz jurou. A velha pediu-lhe que repetisse o juramento olhando para a imagem do Sagrado Coração de Jesus.

– É um sonho da Linguagem do Mundo – disse ela. – Posso interpretá-lo, e é uma interpretação muito difícil. Por isso acho que mereço minha parte no seu achado.

“A interpretação é esta: você deve ir até as Pirâmides do Egito. Nunca ouvi falar delas, mas se foi uma criança que lhe mostrou, é porque existem. Lá você encontrará um tesouro que lhe fará rico.”

O rapaz ficou surpreso e depois irritado. Não precisava ter procurado a velha para isso. Finalmente lembrou-se de que não estava pagando nada.

– Para isso eu não precisava perder meu tempo – disse.

– Por isso lhe falei que seu sonho era difícil. As coisas simples são as mais extraordinárias, e só os sábios conseguem vê-las. Já que não sou sábia, tenho que conhecer outras artes, como a leitura de mãos.

– E como vou chegar ao Egito?

– Eu só interpreto sonhos. Não sei transformá-los em realidade. Por isso tenho que viver do que minhas filhas me dão.

– E se eu não chegar ao Egito?

– Eu fico sem pagamento. Não será a primeira vez.

E a velha não disse mais nada. Pediu que o rapaz saísse, pois já tinha perdido muito tempo com ele.



## INFORMAÇÕES SOBRE A SEXTANTE

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA SEXTANTE,  
visite o site [www.sextante.com.br](http://www.sextante.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.



[www.sextante.com.br](http://www.sextante.com.br)



[facebook.com/esextante](https://facebook.com/esextante)



[twitter.com/sextante](https://twitter.com/sextante)



[instagram.com/sextante](https://instagram.com/sextante)



[skoob.com.br/sextante](http://skoob.com.br/sextante)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@sextante.com.br](mailto:atendimento@sextante.com.br)

Editora Sextante  
Rua Voluntários da Pátria, 45 / 1.404 – Botafogo  
Rio de Janeiro – RJ – 22270-000 – Brasil  
Telefone: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244  
E-mail: [atendimento@sextante.com.br](mailto:atendimento@sextante.com.br)